

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO
PAULO FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA
SAÚDE CURSO DE PSICOLOGIA

Livia Rezende Costa

**As imposições no desempenho dos papéis femininos e os padrões
arquetípicos presentes na mitologia grega**

São Paulo

2022

Livia Rezende Costa

Trabalho de Conclusão de Curso

AS IMPOSIÇÕES NO DESEMPENHO DOS PAPÉIS FEMININOS E OS PADRÕES
ARQUETÍPICOS PRESENTES NA MITOLOGIA GREGA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do bacharel no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa. Marisa V. Catta- Preta.

SÃO PAULO

2022

“Minha carne não me define” (Francisco, el Hombre - Triste, Louca ou Má)

Agradecimentos

Início agradecendo pela oportunidade de ter sido criada por mulheres fortes, que me ensinaram, desde muito nova, que eu poderia alcançar tudo que desejasse, mas agradeço principalmente a minha mãe, Carolina Gil, por nunca ter desistido dos seus sonhos enquanto pessoa, profissional e mulher mesmo após a maternidade. Fazendo isso, você me ensinou a buscar independência, acreditar em mim e me valorizar sempre. Obrigada por, sem nenhum planejamento, ter me inserido desde o primeiro mês de vida na área que se tornaria a minha grande paixão.

Agradeço a minha avó paterna, Virgínia Costa, que com tanto carinho passou a minha infância contando grandes mitologias em vez de contos de fada, o que me trouxe tanta cultura tão nova.

Agradeço à minha madrastra, Amanda Prada, por sempre ser a maior incentivadora de todos os meus projetos e sonhos e sempre trazer um olhar positivo para as situações quando nem eu consigo ver.

Agradeço também ao meu pai, Daniel Costa, que me mostrou na prática que implicar apenas a mulher atribuições culturalmente femininas, como cuidar dos filhos e da casa, é sinal de uma masculinidade frágil e ser sempre uma inspiração e um ombro amigo.

Meus avôs, Odorico e Luiz, cada um da sua forma, que sempre foram apoiadores dos meus sonhos, desde quando queria ser uma princesa, até montar a minha casa e me formar na faculdade também tenho profunda gratidão.

Agradeço aos meus amigos, que juntos vivemos ao longo de 5 anos de graduação momentos de angústia, dúvidas, incertezas, mas também muitas risadas, diversão e apoio.

Agradeço às duas psicólogas que tive ao longo da graduação, em momento tão peculiar do desenvolvimento e num curso tão impactante elas foram essenciais.

Aos grandes mestres e mestras que tive ao longo do curso: Ari Rehfeld, Paula Guimarães, Luciana Szymanski, Marisa Penna, Ivelise Fortim, André Bruttin e Maria Cristina Gattai estes não trouxeram apenas conhecimentos, mas reflexões sobre quem eu sou, que tipo de impacto quero gerar no mundo.

Agradeço a todos, cada um com a sua contribuição, por acreditarem em mim e ajudarem a tornar o sonho daquela criança, a realidade da mulher que me tornei.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha orientadora, Marisa, que por meio de conversas e muita exploração foi me guiando neste caminho para entrega deste trabalho, com um tema que combina tanto comigo.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as contradições dos papéis femininos a partir dos padrões arquetípicos presentes na mitologia grega. Como manifestação desses padrões arquetípicos na contemporaneidade exemplifico com alguns dados biográficos sobre a cantora Anitta, cuja biografia abarca um paradoxo em seus papéis desempenhados socialmente. A metodologia utilizada foi a análise qualitativa e estudos e pesquisas voltadas para padrões femininos da mitologia grega e a atuação feminina na contemporaneidade. O trabalho explicita os papéis considerados contraditórios aparentemente pela cultura ocidental, mas que atualmente são possíveis de serem experienciados diante do resultado de novas configurações na atuação do feminino em nossa sociedade.

Palavras-chave: Deusas; Arquétipo; Mitologia grega; Arquétipo Feminino; Anitta.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
MÉTODO	10
1 ARQUÉTIPOS DO FEMININO SOB A PERSPECTIVA ANALÍTICA PRESENTES NA MITOLOGIA GREGA.....	12
1.1 Inconsciente coletivo.....	12
1.2 Arquétipos.....	13
1.3 Símbolos.....	14
1.4 Relação entre mitos e arquétipos.....	15
2 AS DEUSAS DA MITOLOGIA GREGA.....	18
2.1 Atena.....	19
2.2 Ártemis.....	20
2.3 Hera.....	22
2.4 Deméter.....	22
2.5 Perséfone.....	23
2.6 Afrodite.....	24
3 OS PAPÉIS SOCIAIS FEMININOS AO LONGO DA HISTÓRIA OCIDENTAL.....	26
4 IMPOSIÇÕES AO FEMININO NA SOCIEDADE: O FENÔMENO ANITTA.....	36
4.1 As imposições.....	36
4.2 A carreira de Anitta.....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

Introdução

O presente estudo utilizará como base a teoria de arquétipos junguiana, mais precisamente, arquétipos femininos para entender as imposições no desempenho dos papéis femininos e os padrões arquetípicos presentes na mitologia grega. Segundo Jung (2002), os arquétipos seriam predisposições para formarmos imagens com temas típicos pertencentes a uma diversidade de culturas e civilizações. Mesmo que não houvesse contato entre as culturas, essas representações seriam as mesmas, pois elas aparecem nas personalidades humanas, nas expressões artísticas dos povos, nos comportamentos humanos.

Para compreender o que é, de fato, um arquétipo, é preciso entender também o que é o inconsciente coletivo e pessoal. Jung explica que o inconsciente pessoal é uma camada um pouco mais superficial e que essa camada repousa sobre outra mais profunda, que é inata, sem experiências ou aquisições pessoais: “Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo” (JUNG, 2000, p. 15). Toda humanidade compartilha desse inconsciente coletivo por conter potencial para formar imagens.

Jung (1987), o inconsciente pessoal é aquele que contém lembranças reprimidas, evocações dolorosas, percepções que não ultrapassam o limiar da consciência, isto é, são percepções dos sentidos que por falta de intensidade não alcançaram a consciência, ou seja, são conteúdos carregados de carga afetiva, que conhecemos como complexos, que não estão maduros para a consciência. Dizemos inconsciente pessoal, pelo fato de que são conteúdos que foram adquiridos durante a história de vida e experiências do indivíduo. As maneiras de expressão dos conteúdos do inconsciente pessoal, são por meio de símbolos, como por exemplo, por meio dos sonhos.

Considerando isso, é necessário dizer que existe uma forte relação entre a mitologia e os arquétipos, porque os mitos estão repletos de temas de origem universal. Mesmo os mitos de culturas completamente distintas entre si possuem padrões desses temas comuns aos seres humanos. Sendo próprios de um povo, de uma civilização ou de uma religião, os mitos se referem à origem dos deuses, do mundo, da humanidade e à finalidade das coisas (Erich Neumann, 1990).

Os mitos, independentemente da cultura a que pertencem, expressam crenças e tradições dos povos por meio das histórias de seus ancestrais, descrevem traços psicológicos profundos dos seres humanos que são amplamente estudados por meio da psicologia analítica. Com isso, é possível dizer que os mitos são muito mais do que simples histórias para entretenimento, eles são, segundo Campbell, a literatura do espírito, (1990, p.14). Dentre as mitologias que objetivavam explicar os fenômenos naturais, culturais ou religiosos que não tinham explicações habituais, neste estudo foi levado em consideração a grega.

Pretendo destacar neste trabalho a importância do conhecimento dos arquétipos femininos e analisar os seis papéis sociais predominantes nas mulheres. Através do trabalho de vários autores, cada um desses arquétipos é identificado com uma deusa da mitologia grega, sendo elas: Afrodite, Atena, Artémis, Deméter, Hera e Perséfone.

Este tema foi escolhido, pois a mitologia grega é um tema que me interessa desde a infância, pois foi transmitido pela minha avó paterna, que estudou história da arte e lia mitos gregos para mim em vez de histórias infantis.

A motivação para fazer o presente estudo veio de um trabalho feito no 4º semestre do curso na disciplina de Psicologia Analítica II, em que fiz uma apresentação inicial de como alguns arquétipos poderiam ser associados aos deuses do Olimpo grego. Um ano depois, após aprofundar mais os estudos sobre a representação dos arquétipos no feminino, observei grande representação da teoria no dia a dia das mulheres do meu entorno e o impacto deste tema na vida delas.

Ao aprofundar meus estudos na teoria percebi o quanto, em uma sociedade patriarcal, são divididas as grandes facetas da mulher e as tornam antagônicas, por exemplo: se a mulher é mãe, não pode ser sensual, se é uma mulher poderosa, não deve apresentar espiritualidade. E essas divisões foram feitas por interesses sociais para, de fato, as mulheres não se tornassem símbolos que representassem todas as características em uma só pessoa, de forma completa. Era necessário segregar a mulher e seu poder para poder controlá-las.

Essa segregação é percebida na mitologia grega por meio da Grande Deusa, a qual tinha todas as facetas da mulher, mas teve sua imagem dividida por Zeus em 6 partes, colocando uma deusa que representasse cada uma delas

O presente estudo pretende utilizar os conceitos de arquétipos para mostrar para as mulheres a possibilidade de integração destas características em suas vidas, podendo retirá-las da sombra e entendê-las como uma multiplicidade de possibilidades que oferecem mais liberdade de explorar os vários aspectos femininos em cada fase de vida.

No primeiro capítulo explicarei o que é o inconsciente coletivo para psicologia analítica, seguido da explicação do conceito de arquétipos e símbolos. Em sua teoria, Jung (2000) distingue inconsciente coletivo de inconsciente pessoal, na qual apenas o segundo se refere a experiências pessoais, sentimentos e vivências reprimidas; o primeiro não é adquirido individualmente, é compartilhado por toda a humanidade. Nele podemos encontrar uma predisposição para formar imagens, uma disponibilidade para expressão simbólica quando necessário, em situações de forte carga emocional. Os arquétipos se originam de uma constante repetição de uma mesma experiência durante muitas gerações, em diversas culturas.

Mais adiante, no primeiro capítulo, será feita a relação entre os arquétipos e os mitos. Para Jung, os mitos são expressões arquetípicas e tal relação pode ser bem compreendida por meio da comparação feita por Maria Zélia de Alvarenga (2010, p. 64) “poderíamos fazer a seguinte comparação: o arquétipo é como um software, o Word, por exemplo; quando você usa esse programa para digitar uma história, essa história será um mito, mas só pôde vir à luz graças a esse software-arquétipo”.

No segundo capítulo trago com detalhes as deusas da mitologia grega e a relação desses arquétipos com o feminino na contemporaneidade. As deusas em exposição serão: Afrodite, Ártemis, Atena, Deméter, Hera e Perséfone.

No terceiro capítulo falo sobre os papéis sociais da mulher ao longo da história ocidental, iniciando na Grécia Antiga, onde se consolidou grande parcela das percepções humanas quanto à padronização dos comportamentos sociais válidos até nossos dias, passando pela civilização romana, idade média e moderna, revolução francesa, revolução industrial e alcançando as quatro ondas feministas no Brasil.

No quarto capítulo faço uma discussão sobre o paradoxo imposto nos papéis sociais da mulher e a dificuldade de integração destes trazendo como exemplo a cantora brasileira Anitta, a qual é extremamente criticada pela sua vulgaridade e pela falta de entendimento popular sobre o seu desenvolvimento intelectual, sendo atualmente uma referência nacional e internacional da mulher brasileira.

MÉTODO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa do tipo documental qualitativa, onde pretendo analisar os papéis sociais femininos presentes ao longo da história ocidental e realizar intersecções com as deusas da mitologia grega para destacar as imposições presentes nestes e exemplificar por meio de uma personagem midiática que vem representando o ideal da mulher brasileira, embora apresente grandes contradições vistas por alguns como positivas e por outros como negativas, Anitta.

Para isso realizei um estudo teórico, fazendo intersecções entre os pressupostos da Psicologia Analítica como foco nas Deusas Gregas como arquétipos e a contradição presente nos papéis sociais da mulher ao longo da história.

Em pesquisas qualitativas o procedimento de interpretação não segue um modelo pré-estabelecido, uma vez que valoriza a particularidade da observação como produto da relação entre sujeito pesquisador e o objeto de pesquisa.

Como Penna (2003) traz:

"O método proposto por Jung para a compreensão do material inconsciente envolve a decodificação da linguagem simbólica através da interpretação de seu significado para a personalidade como um todo. A meta da interpretação é propiciar a integração de conteúdos inconscientes à consciência, ou seja, produzindo autoconhecimento e favorecendo o processo de individuação. A integração ou assimilação do conhecimento novo depende de um processo de elaboração pela consciência (p. 195)".

Para tanto, é relevante a escolha do estudo das deusas gregas para compreender as manifestações arquetípicas nas mulheres de ontem e de hoje, já que há a significação de conteúdos ricos e fundamentais do inconsciente coletivo. O processo de significação chama-se: amplificação simbólica. Como afirma Penna (2003), essa técnica foi desenvolvida por Jung a interpretação dos sonhos dos seus pacientes, e "consiste em ampliar e enriquecer os elementos do símbolo através de

associações e analogias que fluem numa cadeia contínua de similaridade, visando a traduzir e interpretar o material desconhecido no símbolo (p.195)".

Dessa forma, esse estudo trata-se de estudos sobre alguns autores da mitologia, aspectos da mulher na contemporaneidade e alguns dados biográficos da artista brasileira que se denomina Anitta.

1. Arquétipos do feminino sob a perspectiva analítica presente na mitologia grega

1.1 Inconsciente coletivo

Para começarmos a falar de arquétipos é necessário primeiro falar sobre o inconsciente coletivo, justamente porque ele é formado por arquétipos e instintos, a partir de experiências comuns compartilhadas e a junção de um substrato psíquico comum que todos compartilham, contém nele todas as possibilidades humanas.

[...] A camada mais profunda da psique humana deu o nome de “*inconsciente coletivo*” e concebeu o seu conteúdo como uma combinação de padrões e forças universalmente predominantes, chamadas “*arquétipos*” e “*instintos*”. (STEIN, 2006, p. 83 – 84).

Essa teoria aponta que nós nascemos com uma herança psicológica, além da biológica. Isso porque o inconsciente coletivo compara a estrutura do corpo, dos órgãos e suas funções que evoluem conforme os anos com a humanidade, com a existência também de uma evolução da mente, que traz traços de toda a história, afirmando que não seria possível um organismo todo se modificar e a mente nascer vazia. Assim, nosso corpo e mente são depósitos de histórias do passado. Este substrato comum é denominado inconsciente coletivo, pois sua existência é independente do ego e da subjetividade de cada indivíduo. Ele se formou pela repetição de comportamentos frente a determinadas situações semelhantes entre si ao longo das diversas gerações e durante a formação do homo sapiens, tornando-se um fundo psíquico comum à humanidade (Jung, 2000).

O inconsciente coletivo e os arquétipos seriam os depositários deste repertório comportamental acumulado, porém eles não são os comportamentos em si, e sim estruturas ou padrões de comportamento armazenados na história psíquica do ser humano como um todo. Eles fazem parte da natureza humana universal, independente do tempo e das culturas.

Nas palavras de Jung *apud* Stein (2005):

"O homem 'possui' muitas coisas que ele não adquiriu, mas herdou dos antepassados. Não nasce tabula rasa, apenas

nasceu inconsciente. Traz consigo sistemas organizados e que estão prontos a funcionar numa forma especificamente humana; e isto se deve a milhões de anos de desenvolvimento humano. Da mesma forma como os instintos dos pássaros de migração e construção do ninho nunca foram aprendidos ou adquiridos individualmente, também o homem traz do berço o plano básico de sua natureza, não apenas de sua natureza individual, mas de sua natureza coletiva. Esses sistemas herdados correspondem às situações humanas que existiram desde os primórdios: juventude e velhice, nascimento e morte, filhos e filhas, pais e mães, uniões, etc. Apenas consciência individual experimenta essas coisas; pela primeira vez, mas não o sistema corporal e o inconsciente. Para estes só interessa o funcionamento habitual dos instintos que já foram pré-formados de longa data (p.84)".

1.2 O conceito e compreensão de arquétipo

Uma vez introduzido o que é inconsciente coletivo, é possível falar sobre arquétipos. Isso porque o arquétipo é um modelo, um padrão que pode ser reproduzido em uma representação, imitação ou objetos semelhantes. Pode-se dizer, então, que arquétipo é um modelo perfeito, e isso não o torna uma meta, mas, sim, um guia. Para ficar mais fácil compreender, vale explicar da seguinte forma: se você quer ir para um porto, é possível seguir as estrelas, pois elas darão direcionamento para isso, o que não quer dizer que você quer chegar na estrela em si, mas sem ela não é possível chegar onde precisa. Ou seja, você não precisa ser o modelo em si, mas não chega onde quer sem ele. Stein (2006) considera que arquétipo pode ser definido como: *“Um padrão potencial inato de imaginação, pensamento ou comportamento que pode ser encontrado entre seres humanos em todos os tempos e lugares.”* (p. 205).

Segundo Neumann (1968, p.13), *“os elementos estruturais arquetípicos da psique são órgãos psíquicos, dos quais depende o bem-estar funcional do indivíduo, que em caso de dano, provoca consequências desastrosas.”*. Ou seja, os arquétipos

carregam com eles os elementos de formação da psique humana, reforçando a presença do inconsciente coletivo como formador de possíveis padrões e características dos seres humanos. Do grego “*arkhétypos*”, etimologicamente significa modelo primitivo, ideias inatas.

Os arquétipos também são definidos e explicados como “*estruturas básicas e universais da psique, os padrões formais de seus modos de relação são padrões arquetípicos*” (Hillman, 1992, p. 22), enfatizando a ideia de que os arquétipos são modelos, moldes que guiam a psique humana fundada no inconsciente coletivo das pessoas.

Existem vários arquétipos na mente humana, relacionados principalmente a situações típicas da existência humana: nascimento, morte, casamento, doenças e outros (JUNG, 2000 e [1976]). O arquétipo não é acessível diretamente, mas apenas por suas manifestações psíquicas, em imagens, representações e produções humanas formando um substrato comum à humanidade.

Jung elaborou este conceito a partir do estudo e da observação de muitos temas repetidos em mitologias, contos de fada, literatura universal, sonhos e fantasias de seus pacientes. Ele interpretou as imagens que apareciam e entendeu que elas se relacionavam principalmente com situações comuns da existência humana, assim como o nascimento, a iniciação social, o sexo, as relações afetivas, perdas, entre outros.

1.3 Símbolo

Um símbolo, segundo Jung (1991 e [1949]), é representado por imagens, experiências e vivências que incluem aspectos conscientes e inconscientes, por isso é a melhor expressão possível de algo desconhecido.

Símbolos surgem espontaneamente na forma de imagens nos sonhos, mitos, contos de fadas, isso porque quando as imagens simbólicas são compreendidas e apreendidas pelo ego, a consciência é amplificada e contribui para o processo de individuação do sujeito.

Segundo Edinger (apud Petta, 2000), “*símbolo é a representação de algo desconhecido, um mistério, que veicula um significado vivo e subjetivo, enquanto que o termo significado indica conhecimento abstrato e objetivo (p. 15)*”.

Símbolos trazem infinitos significados e maneiras de interpretações, pois eles têm todas as possibilidades de representação e de transformação (JUNG, 1964)

Considerando isso tudo, segundo Cavalcanti (2007),

"O ego precisa se debruçar sobre o símbolo e permitir que seus conteúdos fertilizem a consciência, sem querer impor a ele um significado único. Se isso for feito, o conteúdo do símbolo fica reduzido e, portanto, sua força transformadora diminuirá (p.30)".

Nesta perspectiva, um símbolo pode ser qualquer elemento que o inconsciente possa se projetar atribuindo significado o que pode torná-lo simbólico. Os símbolos são sempre formados a partir do inconsciente, a consciência não cria símbolos, mas signos.

1.4 Relação entre arquétipo e mito

Até aqui o arquétipo permeou todo o contexto do estudo, trazendo consigo os moldes formados pelo inconsciente coletivo. Ele tem ligação direta com o mito quando o assunto é identificação e identidade. Isso porque o homem da antiguidade dava sentido ao mundo por meio de mitos. Desta forma os mitos arcaicos e os símbolos do inconsciente são de grande valor para o trabalho analítico, uma vez que permitem interpretar os símbolos tanto em seu aspecto histórico universal como no sentido psicológico único e coletivo (Cavalcanti, 2007).

Os mitos estão associados às dimensões arquetípicas que habitam nossa psique, logo a sua compreensão pode trazer luz aos nossos comportamentos, no sentido de identificarmos o enredo do inconsciente coletivo que nos move, o qual pode estar influenciando nossas ações (CAMPBELL, 1988)

Segundo Jung, os mitos são revelações que têm origem na alma pré-consciente das pessoas, ou seja, são representações involuntárias vindas de um acontecimento anímico (da alma) inconsciente e se tornam alegorias de processos físicos. Os mitos têm um significado vital, pois não apenas representam, mas também são a vida da alma da tribo primitiva, a qual deteriora e desaparece imediatamente

depois de perder sua herança mítica, assim como aconteceria com um homem se perdesse sua alma. (JUNG, 1969)

A mitologia de uma tribo é sua religião viva e guarda todos os seus processos de alma e sua perda é uma catástrofe moral. Já a religião é um vínculo vivo com os processos anímicos, que não dependem do consciente, pois acontecem no obscuro cenário da alma. Muitos desses processos inconscientes podem ser gerados (JUNG, 1969)

Campbell (1988), descreve quatro funções do mito, as quais ele usa para entender e moldar a realidade humana, e cada uma dessas funções atua em uma esfera da sociedade ou da necessidade humana em relação ao seu meio exterior ou interior. Para o autor, as quatro funções do mito são: função mística, função cósmica, função sociológica e função pedagógica. A função mística diz respeito àquilo que entendemos que existe, mas que não tem uma substância concreta. Foi essa função que no início da humanidade fez dos mitos um porto seguro para as dúvidas e medos em relação a uma realidade inexplicável. Nessa função, os mitos e contos de fadas têm um certo fator “mágico”, que fascina e toca o inconsciente em um nível que a consciência não acessa.

Para Campbell (1988), a função cosmológica do mito forma uma imagem do universo compreensível antes mesmo do estudo de um método científico que possa explicá-lo. Enquanto a função mística se relaciona com o mistério, a função cosmológica busca explicar a realidade e produzir um certo controle sobre esse mistério. É por meio dessa função do mito que explicamos a origem da humanidade, quem somos, o lugar em que estamos no universo e assim por diante.

Segundo Campbell (1988) a função sociológica, que corresponde à validação da ordem social. Por isso existe uma essência comum entre os mitos e deuses que validam temas como: amor, morte, guerra, maternidade, paternidade, casamento, inteligência e qualquer outra situação social que impacta nas pessoas, mas tudo isso muda de acordo com a particularidade cultural de cada região e povo. Por exemplo: mitos sobre as três esposas de Xangô validam a poligamia, a monogamia é validada pelas traições de Zeus e o nascimento de pessoas em diferentes partes do corpo de Brahma valida o sistema de castas Hindu. O problema é o que essa função traz de

consequência para a sociedade por meio de seu sentido simbólico e psicológico. O mito de Pandora ou de Adão e Eva, por exemplo, prejudica a imagem da mulher perante a sociedade. A questão é se a psique com a qual o mito entra em contato, entende os mitos de uma forma imperativa comportamental em sociedade ou um método de autoconhecimento e aperfeiçoamento individual.

E o autor finaliza a quarta e última função do mito como pedagógica, relacionada aos temas universais da humanidade. Através dela pode-se compreender, novas experiências, tornando as mesmas compreensíveis. Essa função traz uma possibilidade de aperfeiçoamento psicológico, inspirando e confortando em situações ameaçadoras e angustiantes. Essa função declara que não há uma conclusão final sobre as pessoas com quem nos relacionamos, mas nos permite avaliar diante das nossas relações com o mundo, os nossos valores, necessidades e comportamentos. Campbell (1988) afirma que essa função é capaz de nos ensinar a viver uma vida humana em qualquer circunstância.

Isso tudo mostra a importância da mitologia na construção humana, e segundo Bernardini (2019), a função do mito é harmonizar as relações do homem com a sociedade e o mundo que o envolve, não diz respeito apenas a consciência individual e a subconsciência coletiva, embora tenha uma ligação direta.

Para esclarecer a informação, os mitos, com sua construção simbólica, têm o papel de intermediar a relação da vida consciente e inconsciente. A mediação que estabelece conexão com a memória arcaica da humanidade, os arquétipos, são primordiais ao tema do presente estudo que vai dar foco a reflexões sobre o paradoxo no desempenho dos papéis femininos através dos padrões arquetípicos presentes na mitologia grega.

De acordo com Bolen (1990), os arquétipos femininos, presentes no inconsciente coletivo são capazes de influenciar a mulher contemporânea em seu modo de ser e agir. Dessa forma, é possível fazer uma relação entre os arquétipos apresentados pelas deusas da mitologia grega com as mulheres a partir desse padrão coletivo que se apresenta para cada mulher como uma possibilidade de expressão do feminino.

2. As Deusas

De acordo com Bolen (1990), as Deusas podem ser divididas entre três categorias principais de arquétipos: as deusas virgens, consideradas completas em si mesmas e não precisam da presença masculina para se realizar, inclusive evitam o desempenho de papéis tradicionais das mulheres; as deusas vulneráveis, que dependem da presença masculina e são orientadas para o relacionamento e tendem a cumprir os papéis tradicionais; e a categoria da deusa alquímica, que contempla características de ambos os grupos anteriores, embora seja diferente e costumam fazer o que lhe agrada.

As deusas da mitologia grega apresentam características bastante marcantes e distintas entre si, as quais serviram de estudo e explicação para aqueles que veem nos arquétipos a formação de um inconsciente coletivo (Bolen, 1990).

A questão é entender quais são as características de cada arquétipo advindo das deusas gregas, mas trazendo à discussão a ideia de que toda e qualquer mulher tem dentro de si todas as deusas, por mais que a presença de algumas se faça mais notória na personalidade da mulher ou em determinada etapa de sua vida (Bolen, 1990).

As Deusas Virgens

Atena

Atena, considerada a deusa da sabedoria e das artes, é protetora dos heróis, é quem os ajuda e pode elevar suas almas. Atena nasce da cabeça de Zeus. Segundo o mito, Zeus e a titã Métis, que era a expressão da prudência e sabedoria, tiveram uma filha que o oráculo havia dito que seria um menino. O deus, com medo do que lhe havia sido dito, que um filho iria depô-lo, resolveu engolir Atena por inteiro. Após isso, o deus passou a ter muita dor de cabeça e quando foram abrir sua cabeça acharam Atena, já adulta e armada para a guerra, demonstrando ser menos emocional e mais racional, estrategista e lógica, assim como sua mãe o fora. Como explicado por (Woolger e Woolger, 1987-1989, p.45):

“(...) tendo nascido simbolicamente da cabeça de Estado do Olimpo. Nesse sentido,

é a restauradora da sabedoria (metis) que Zeus digerira e transformara, mas que não obstante, precisava manifestar externamente sob a forma feminina”

A deusa, por ter nascido da cabeça de seu pai, traz consigo aspectos da alma de Zeus, e sua virgindade integra aspectos masculinos nela, o que torna dispensável a presença de um parceiro ou companheiro para apresentar qualidades do masculino, tais como a agressão, a autoridade e afins (Ribeiro, 2007).

Atena está diretamente relacionada às batalhas internas e é quando se perde a guerra interior que se busca a guerra exterior. Nota-se, inclusive, que a deusa nasceu já armada, simbolizando sua personalidade de força e prontidão para agir diante de qualquer situação, junto com a proteção à sua vulnerabilidade e demais aspectos sensíveis. Porém, Atena é inimiga da injustiça e toda manifestação de ódio e vingança, o que faz com que o arquétipo da deusa carregue consigo a ideia de que a sabedoria domina o instinto. Uma curiosidade sobre o mito de Atena é seu símbolo, a oliveira, pois é da azeitona que tiram o azeite, ou seja, é necessário extrair a essência, o que há de melhor do ser humano ao invés de ficar com o bruto, além de que na época era com azeite que mantinham as velas acesas, que davam luz (Nova Acrópole, 2016).

Artémis

A deusa é a mais antiga filha de Zeus com a deusa Leto, gêmea de Apolo. Ela se destacava por sua beleza, se identificava com o selvagem e a natureza e não oferecia misericórdia a qualquer pessoa que a ofendesse ou invadisse seu espaço.

Seu mito conta que ao ficar grávida sua mãe sofreu a ira de Hera, que a perseguiu a ponto de nenhum lugar abrigá-la para o nascimento de seus filhos. Até que na ilha de Delos foi recebida pela filha de Hera, a deusa dos partos. Por ser a primeira a nascer, já demonstrou seus dotes de deusa auxiliando no parto de seu irmão e diz sua história que ela nasceu sem causar dor alguma à mãe, diferente de Apolo, que a fez sofrer muito no parto (Amaral, 2007).

Artémis possui uma natureza agressiva e competitiva, como também um voto de castidade feito a Zeus, que viu na filha grande preciosidade e determinação, por isso concedeu todos seus desejos, tais como a virgindade eterna, para jamais se submeter ao masculino e se manter sempre autônoma, arco e flecha iguais aos de seu irmão para contar com a simbologia da meta e da assertividade ao alvo de forma objetiva e determinada, tantos nomes quanto seu irmão, para demonstrar sua exigência em relação às leis e que as leis da natureza tivessem o mesmo merecimento que a lei dos homens, a graça de originar a luz, ninfas para serem suas companheiras e cuidares de suas vestes e botas, representando também o momento em que a menina se torna mulher em vida adulta, uma túnica de caça na cor de açafreão para conferir-lhe liberdade de se conduzir segundo sua própria conveniência, cães e instrumentos de caça para lhes trazer a simbologia de guia dos caminhos desconhecidos, todas as montanhas do mundo para que ela sempre vivesse juntos à natureza e uma cidade onde deveria ser honrada e receber sacrifícios.

Isso tudo tornou Artémis a deusa da natureza, das florestas e onde caça e dança, a personificação do espírito feminino independente, que não se submete ao masculino, embora respeite o pai. Amiga e protetora das mulheres, especialmente das jovens.

"Para os gregos Ártemis tornou-se a padroeira das parteiras, aparecendo para toda mulher que clamasse por ela durante as dores do parto. Todavia, sua presença era ambivalente, visto que ela, enquanto Mãe da Morte, também podia chamar para si o recém-nascido se não houvesse sido adequadamente invocada e aplicada. (Woolger e Woolger, 1987-1989, p.85):

Artémis também foi considerada uma deusa tríplice, sendo deusa do submundo, ela é associada ao nascimento, procriação e morte. Ela ainda representa a consciência feminina com autonomia e independência. Por sua luta pela sobrevivência, ela também foi considerada a deusa do parto. E em seu aspecto negativo, a deusa se torna a figura que castiga e mata seres que desrespeitam a natureza (McLean, 2020).

As deusas vulneráveis

Hera

A deusa Hera é filha de Cronos e Réia, foi legítima esposa de Zeus e era co-governante do Olimpo, também considerada deusa do casamento e defensora dos amores legítimos (Spessoto, 2007).

A simbologia da deusa é bastante vista de forma real e prática, pois seu mito conta que Hera foi enganada por Zeus ao se relacionar com ele, mas só se entregou quando teve uma proposta de casamento, o que faz com que ela represente a esposa e companheira ideal, a fidelidade, os votos do matrimônio e hereditariedade.

Conta sua história, que por conta desse envolvimento de Zeus com outras deusas, Hera se tornara uma esposa ciumenta e infeliz, uma vez que seu marido desonrava o que ela considerava ser mais sagrado: o casamento (Spessoto, 2007).

Na mitologia grega, Hera, esposa e irmã de Zeus, era também conhecida como a rainha do Olimpo e o pavão era seu animal preferido, representando todas as possibilidades do universo e ele acompanha Hera dando a ela todas as possibilidades do mundo. Ela é reverenciada como deusa protetora das mulheres no matrimônio e temida por sua ira vingativa, isso porque Zeus, que era constantemente infiel, provocava ciúmes em sua esposa, porém a raiva de Hera nunca foi direcionada ao marido infiel, mas, sim, às mulheres por ele seduzidas ou enganadas, ou até mesmo às crianças concebidas por Zeus e aos inocentes espectadores (Spessoto, 2007).

Deméter

Deméter representa o cultivo da terra e agricultura, a fertilidade, o renascimento (tudo que morre volta à terra, a fertilidade excessiva) Em sua mitologia, Deméter era mãe de Perséfone, a qual fora raptada e levada por Hades ao mundo dos mortos. Por conta disso, Deméter tirou da terra toda a energia vital que existia e não permitiu que nenhuma semente germinasse. Porém, Zeus, vendo a humanidade com fome, ordenou que Hades libertasse Perséfone, mas antes disso, o senhor dos mortos deu a ela uma semente de romã para comer, dessa forma ela voltaria a ele. Pois então a

deusa passou a viver um terço do ano com Deméter e dois terços com Hades (Barbosa, 2007).

Ao recuperar sua filha, Deméter ficou tão satisfeita que fez cereais germinarem e fez com que toda a terra se enchesse de flores e frutos. O amor de mãe e filha entre Deméter e Perséfone simboliza o sentimento que somente esse laço fraternal pode ser capaz de partilhar. Até por isso que Jung diz que a mãe tem em sua filha a percepção do seu próprio ser (Barbosa, 2007).

Deméter é a responsável por suprir a fome dos homens, em todos os sentidos da palavra, além de ser quem ajuda no julgamento dos mortos. Isso porque, como foi ela quem nutriu a todos durante a vida, então é ela quem vai ao julgamento para falar como você devolveu o que lhe foi dado. Ou seja, vem de Deméter o ideal de que você colhe o que você planta. Isso possibilita à civilização agir baseada em leis e julgamentos necessários com ciclos permanentes e orientando uma vida generosa, que tudo sustenta (Barbosa, 2007).

Fora isso, Deméter também é representada pelo arquétipo da mãe, uma vez que quando está grávida ou criando seus filhos, a deusa atinge o ápice de sua plenitude enquanto mãe, pois se identifica com todas as atividades da maternidade. Inclusive, ela também pode ser considerada uma deusa tríplice, o que pode ser notado na lua crescente, cheia e minguante, e por ela reger o mundo superior, inferior e a terra. Ela era a Virgem/Donzela, a Mãe e a Anciã (Barbosa, 2007).

Por sua simbologia, a deusa era considerada a protetora das mulheres e a divindade do casamento, maternidade, amor materno e felicidade. Ela regia as colheitas do milho, o arado, iniciações, renovação, renascimento, vegetação, frutificação, agricultura e o solo (Barbosa, 2007).

Perséfone

Perséfone é filha de Zeus e Deméter, seu mito conta que enquanto Perséfone brincava no campo, foi sequestrada por Hades e quando sua mãe percebe o que aconteceu começa a tirar toda a fertilidade das terras humanas. Zeus, percebendo a gravidade da situação, manda Hermes para o submundo para trazer Perséfone de volta. Hades, por sua vez, a engana dando a ela um romã e tendo comido frutos do

submundo fica obrigada a retornar àquele tenebroso reino. O acordo estabelecido entre ambas as partes é que Perséfone passaria uma parte do ano com sua mãe e a outra parte no submundo (Souza, 2007).

Tal mito dá origem às estações do ano, uma vez que enquanto Deméter encontra-se com sua filha esta garante a fertilidade e energia a Terra, entretanto, quando estava com Hades sua mãe drenava a energia que deu. Ela criou a Primavera quando Perséfone chega do Submundo, o Verão no último período antes da filha voltar, o Outono nos primeiros 3 meses longe da filha e por fim o Inverno nos meses de maior saudade e preocupação de Deméter (Souza, 2007).

A deusa demonstra então dois aspectos: a passividade de deixar que outros decidam seu futuro e em contrapartida a rainha do submundo. Ela também simboliza a menina, a virgem e inocente quando raptada e depois entra em contato com uma nova consciência, a qual desenvolve o seu masculino e seu lado mulher (Souza, 2007).

Por ser a rainha dos mortos, é ligada com o místico, o transitório, o que transita entre a luz e a sombra. Ela também é conhecedora dos mecanismos da vida e morte, das energias determinantes das estações, da sexualidade e do nascimento. Souza (2007) com relação ao retorno de traz, "não é o retorno de uma donzela, e sim de uma deusa madura, Perséfone, conhecedora dos mecanismos da vida e da morte, das energias determinantes das estações, da sexualidade e do nascimento (p.310)".

A Deusa Alquímica

A deusa alquímica costuma fazer o que lhe agrada. Não é uma deusa virgem, teve filhos e era ligada ao masculino entretanto não é considerada uma deusa vulnerável; ela compartilha de alguns aspectos com as outras deusas, embora fosse diferente delas (MELO DA SILVA, 2013)

Afrodite

Existem duas versões sobre o nascimento de Afrodite, uma delas contada por Homero, que trata sobre o nascimento biológico da deusa dizendo que ela nasceu de forma convencional, como filha de Zeus e Dione, deusa das ninfas do mar. Já na versão de Hesíodo, Afrodite nasce como consequência de um ato bárbaro em que

Cronos corta os órgãos genitais de seu pai Urano e o atira ao mar. A partir disso surge uma espuma branca que gera a deusa. Isso tudo faz com que ela seja considerada filha do Céu e do Mar, a deusa mãe original em muitas tradições, e o primeiro fruto da separação do céu e da terra (LINDENBERG, 2007).

Reza a lenda que ela já nasceu adulta no mar e por isso, o nome “Afrodite” significa “nascida da espuma”. É a deusa da beleza, do amor e da eroticidade. A ela pertence o poder de seduzir os sentidos, portanto também está muito ligada a artes visuais como pintura e arquitetura, mas também a música e poesia (LINDENBERG, 2007).

Afrodite é a deusa do amor sublime, da sensualidade e do espiritual, do amor carnal do prazer sexual, do amor, da beleza, dos relacionamentos. Ela ainda transforma o masculino em feminino, o velho em jovem e o feio em belo. Esse arquétipo se manifesta na criatividade e na procriatividade, conquista, na vulnerabilidade, no sucesso, na combatividade, no encanto e doçura (LINDENBERG, 2007).

Afrodite foi casada com Hefesto, considerado o único deus “feio” da mitologia, por uma deusa que primava pela beleza, teve casos com diversos outros deuses como Ares, deus da guerra, Hermes, deus mensageiro, Apolo, deus da luz e Dionísio, deus do prazer. Além de mortais como Adônis e Anquises. Isso tudo fez com que Afrodite ganhasse a fama de só se manter vinculada aos seus parceiros enquanto durar seu interesse ou a paixão (LINDENBERG, 2007).

3. Os papéis sociais femininos ao longo da história ocidental

Ao longo da história, a sociedade faz com que as pessoas adotem determinados papéis sociais. A solidificação destes na sociedade faz com que as estruturas organizadas no passado se façam presentes na contemporaneidade.

Mas para falar especificamente do papel social da mulher ao longo da história ocidental, é necessário entender que foi na antiguidade grega que se consolidou grande parcela das percepções humanas em relação à padronização dos comportamentos sociais válidos até a contemporaneidade.

Platão e Aristóteles naquela época diziam que haviam diferenças naturais entre o homem, que para eles era dotado de civilização, e a mulher que por sua vez era constituída somente de natureza. Segundo Badinter, Aristóteles “foi o primeiro a justificar, do ponto de vista filosófico, a autoridade do marido e do pai” (BADINTER, 1985, p. 31), o que fomentou a naturalização da hierarquia entre os sexos, isso porque na Grécia Antiga, a relação entre o homem e a mulher no que diz respeito às questões de produção, favoreceram a preponderância do homem sobre a mulher, o que gerou domínio masculino sobre ela. A mulher, nessa época, passou a ser percebida como um complemento à vida masculina e os gregos acreditavam que a convivência do homem com a mulher por meio do casamento tinha aspectos negativos e positivos. Negativo no que dizia respeito ao matrimônio e positivo no que era relacionado a produção de herdeiros que levariam adiante o nome e a herança daquele homem. A mulher foi tão entendida como um adereço à vida do homem, que Pallatas, poeta grego, afirmava que o casamento só oferecia dois dias felizes aos homens, que era o dia em que o marido levava a noiva para a cama e o dia que ele levava a esposa para o túmulo. Branden interpreta esta afirmação e este cenário compreendendo que “*uma esposa era dispendiosa, uma carga, e com frequência um estorvo à liberdade masculina*”. (BRANDEN, 1982, p.25).

De qualquer forma, para os gregos de Atenas, a função principal do casamento dizia respeito à procriação de herdeiros e o convívio com a mulher fora desta função era entendido como um fardo a ser carregado ao longo da vida.

Isso tudo levou ao ponto de vista da sociedade ocidental com o tempo, uma organização de modelo social no qual o homem foca nas práticas físicas e no debate político, já as mulheres, na condição de subordinação, eram vistas como uma espécie de servidoras destinadas a fazerem atividades domésticas. (ENGELS, 2009, p. 83).

Na sociedade romana, tudo que envolvia organização entre os sexos experimentada pelos gregos se fortaleceram pelo advento da família monogâmica. Isso diz que apesar de a mulher ter o poder sobre o cuidado da casa, o que deu a ela certo status e independência e respeito social, cabia ao homem conduzir a família (Martins, 2004).

A questão é: desde a antiguidade, no ocidente, à medida que o homem se torna responsável por trabalhar e fica externo às práticas do lar, a mulher ficou completa e diretamente ligada a “função” da gestação e dos cuidados com os filhos, fazendo com que ela recolhe-se ao espaço das atividades domésticas. E com o passar dos anos, essas relações e práticas sociais foram consolidadas e adotadas como de caráter de naturalização social.

Com o passar do tempo, na Idade Média, as mulheres já começaram a serem vistas no campo de batalha ao lado dos homens combatentes, e em alguns casos participando diretamente do combate. Isso deu a elas a condição de auxiliadoras do homem. (PERNOUD, 1993, p.39).

Porém, quando o assunto é o radicalismo religioso, a mulher ainda sofria na Idade Média uma repressão da Igreja na condição de agente do mal, já que era representada por Eva, a mulher bíblica que permitiu a entrada do mal no mundo a partir da atenção dada à serpente. Ou seja, os medievais religiosos entendiam a mulher como curiosa, além de ser voltada à transgressão e vista como a corruptora dos valores civilizados e corretos dos homens. Por volta de 1453 e 1789, a mulher passou a ser de duas formas, ou como a “Virgem mãe”, desconexa dos prazeres sexuais que remetem ao mau, protetora do lar e atenciosa para com os filhos, reclusa em sua casa e livre das influências mundanas que poderiam levá-la à perdição. Uma outra possibilidade era serem vistas como Eva, uma mulher perdida, sedutora, consumida pela sexualidade e pelo mal, agente das vontades malélicas prejudiciais à sociedade (BRANDEN, 1992, p.30).

A Igreja era quem organizava e limitava a relação de poder da mulher em relação ao envolvimento dela nas questões de ordem pública, isso porque para a religião e conseqüentemente a sociedade que ela controlava, a mulher honrada, a que era vista como ideal a ser seguido, deveria ser controlada e mantida conexas ao espaço do ambiente privado familiar. Assim, devia ser excluída de qualquer envolvimento de tomada de decisões, pois esta prática era socialmente percebida como papel do homem. Era considerada um veículo da perdição da saúde e da alma dos homens” (

DEL PRIORE, 2011, p.29), logo a vida sob a tutela do homem era visto como algo fundamental para a manutenção da mulher como livre da influência maligna.

Na busca pelo controle da mulher e de suas atuações, a compreensão da Igreja, apoiada pela medicina, fez do amor e da sexualidade, sinônimos de doenças capazes de corromper o ser humano. Sendo considerado o prazer uma doença, o controle e a cura dele exigiam tratamento. A partir dessa visão, foram estabelecidos conjuntos de normas de condutas para as mulheres onde a maternidade foi consolidada como a prática primária da mulher, ou seja, a capacidade fisiológica da mulher que lhe permite gerar descendentes como um dos elementos que auxiliou na fixação deste papel social. A gerar uma vida resultou na constituição da naturalização do amor materno como primazia feminina. O amor pelo filho se estabeleceu na compreensão humana a partir da influência religiosa como natural para a mulher, uma vez que ela, e não o homem, fora dotada por Deus para ser a geradora de sua prole.

Outro fator que não tem como ser deixado de lado, pois impactou muito na construção do papel social da mulher ocidental é a menstruação. Ao longo da história da mulher, a menstruação era um símbolo da passagem da fase de infertilidade para a fertilidade, da juventude à fase adulta na qual ela poderia e estaria apta para ser mãe, pois já tinha condição sexual e maternal para ter uma criança (MORGADO, 1985, p.89).

À medida que o cristianismo foi se fortalecendo na Europa medieval, a mulher foi perdendo grande parte de seus direitos conquistados até ali. A mulher romana já não tinha uma condição de igualdade em relação ao homem, mas ela tinha, por exemplo, autoridade perante os escravos e organização do domicílio. A mulher medieval era um mero elemento subordinado ao homem, por isso muitas se questionavam sobre a existência ou não de uma alma nas mulheres (BRANDEN. 1992, p.30).

A mulher era tão inferiorizada nesse período que “naturalizada” como de status inferior e chegava a ser “*comparada por alguns médicos à galinha, que tinha por exclusiva função portar os ovos*” (DEL PRIORE, 2011 p.34).

Fontenele-Mourão (2006), falando mais especificamente do papel social da mulher ao longo da história ocidental, afirma que, depois do século XIX, com o processo de industrialização, a mulher passou a ser reconhecida no mercado de trabalho, principalmente como uma empregada assalariada. Quando a mulher passou a fazer parte do mercado de trabalho, ela passou a dividir suas tarefas domésticas

com outros responsáveis, seja com o pai/companheiro ou com instituições como: creches, escolas e afins. Isso fez com que a participação do pai na educação dos filhos e na organização da casa mudasse consideravelmente.

A questão é: desde os tempos antigos, sem parar, a mulher foi vista como dependente do homem no quesito econômico, colocando a mulher em um papel de cuidado para com os filhos enquanto o homem se responsabilizava pela provisão e sustento do lar. Isso tudo gerou uma dependência econômica e social da mulher em relação ao homem (MORGADO, 1985, p.18).

Mesmo depois de eventos que impactaram consideravelmente a sociedade, como é o caso da Revolução Francesa, a qual foi inspirada nos ideais de igualdade, liberdade e fraternidade, a posição da mulher não teve grandes mudanças, inclusive, Rousseau (ROUSSEAU, 2011, p. 24), quando escreveu o Contrato Social, não favoreceu qualquer preocupação com questões relacionadas ao direito da mulher e sua inclusão nos debates políticos, pelo contrário, ele deu mais força a compreensão de que o domínio econômico familiar devia ser provido pelo homem. Para Rousseau (2011), os vínculos entre os indivíduos, como pais e filhos, se mantêm enquanto existir a dependência econômica, na qual aquele que provém, exerce o poder. Desta forma, a família se apresentaria também como o espaço primário da autoridade do homem, o pai e chefe da família.

Estas constituições históricas favoreceram cada vez mais a reclusão da mulher ao espaço privado vivido no século XIX e a industrialização fortaleceu antigos estigmas relacionados à mulher, uma mulher burguesa, por exemplo, que trabalhasse e ganhasse dinheiro de alguma forma, não era vista como feminina, (HALL, 2000, p.71), tudo isso segregava a mulher da sociedade e colocava cada vez mais ela em um lugar de dependência do masculino. Uma mulher que atuava na classe operária, por exemplo, era vista como negativa, pois representaria uma ameaça aos ganhos dos homens trabalhadores que teriam seu salário mantido baixo (HALL, 2009. p.72). E mesmo com o passar dos séculos marcados pela industrialização, o XIX e XX, o domínio do homem ganhou força, o que gerou uma hierarquização do trabalho entre os sexos.

A partir da entrada da mulher no mercado de trabalho, se fez necessário que ela contribuísse com os gastos financeiros da família. E foi na Revolução Industrial que aconteceu o primeiro momento na história em que houve considerável absorção da mão-de-obra feminina, pois foi quando as fábricas contrataram mulheres com o

objetivo de reduzir as despesas com salários e discipliná-las ao seu modo. Ou seja, o que parecia um avanço social para as mulheres, era apenas uma forma de benefícios capitalistas para os homens.

Antes de chegar nesse ponto, vamos recapitular em uma linha do tempo tudo que aconteceu na história da mulher. Entre 1701 e 1800 aconteceu a Revolução Francesa e a Revolução Feminina. Isso porque as mulheres estavam completamente insatisfeitas com as desigualdades de gênero, algumas passaram a se rebelar e expor a situação precária que a figura feminina vivia. Neste contexto, Olympe de Gouges foi uma mulher extremamente importante, pois ela contestava as crenças sociais e propôs a criação de uma “Declaração dos direitos femininos”, que por sua vez complementava a já existente “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”. Porém, Olympe foi sentenciada à morte na guilhotina em 1793 sob a acusação de ter deixado de lado os “benefícios do seu gênero” e tentar ser um homem de Estado (Duarte, 2003).

Entre 1801 a 1900 aconteceu a Revolução Industrial e o surgimento do capitalismo como conhecemos, o qual trouxe novas consequências para as mulheres, isso porque as fábricas surgiram junto ao desenvolvimento da tecnologia e as mulheres passaram a trabalhar dentro do setor fabril em atividades compatíveis com as que exerciam dentro de casa. Isso significa que elas até poderiam trabalhar, porém só com o que era relacionado a servir comida e limpar os espaços, fora que as condições de trabalho eram degradantes e a remuneração sempre inferior à dos homens. Uma das justificativas masculinas para isso era de que não era necessário mulheres ganharem mais, pois elas tinham quem as sustentasse, os próprios homens (BRUSCHINI, 1990).

Foi neste período que as ideologias socialistas se consolidaram e o movimento feminino pela luta de direitos se fortaleceu como um aliado do movimento operário. Nesse contexto aconteceu a primeira convenção dos direitos da mulher em Seneca Falls, Nova York em 1848. Inclusive, em 1857, em Nova York, aconteceu o movimento grevista feminino que foi reprimido pela polícia e resultou num incêndio que ocasionou a morte de 129 operárias no mês de março.

Mais adiante, entre 1901 e 1920, com a chegada do século XX, a mulher passou a não ser considerada biologicamente inferior. Isso começou a acontecer na virada dos séculos 19 e 20 e se estendeu ao longo de todo o século passado. Mas o ápice aconteceu na década de 1960, pois o período foi marcado por uma ampla revolução de costumes. Foi nesse período que aconteceu movimentos femininos

como o NOW (*National Organization of Women*), comandado pela norte-americana Betty Friedan. Também nasceram obras como "O Segundo Sexo", da filósofa francesa Simone de Beauvoir, o que demonstrava que a hierarquia entre os sexos não é uma fatalidade biológica, mas uma construção social (DUARTE, 2006).

O período de 1931 a 1970 foi datado pelo entretenimento do ego, pois com a chegada das leis trabalhistas e as diversas revoluções tecnológicas, chegou a fase do entretenimento. Nessa fase, alguns grupos de mulheres, em países específicos, encontraram espaço para atuar no cinema, na música e nos programas de televisão, embora a maior parte dos papéis traziam as mulheres como serventes dos homens, fosse na representação de uma escrava sexual ou de uma mulher "bela, recatada e do lar".

A questão é que esse movimento aconteceu, pois na época haviam muitas famílias pobres e o trabalho dos homens já não era suficiente para sustentar a casa, além de que muitos deles estavam lutando na guerra. Por conta disso, a mulher começou a entrar no mercado de trabalho como empregada, lavadeira, cozinheira, cuidadora de idosos, telefonistas e secretárias ou até dentro dos comércios. Porém, o que não faltaram foram assédios e preconceitos, o corpo feminino era completamente sexualizado. Inclusive, o salário para as mulheres chegava a ser 70% menor do que o dos homens na época (HALL, 2009).

Vale dizer que as mulheres negras e indígenas não eram bem-vistas no mercado de trabalho, até mesmo pelas mulheres brancas, além de terem muito menos oportunidades, pois as mulheres menos favorecidas eram tidas como ignorantes, irresponsáveis e incompetentes. As mulheres de classe baixa eram vistas como irracionais, já as mulheres de classe média ou alta eram tidas como "apenas menos racionais que os homens". Inclusive, fábricas ou empresas com grandes postos de trabalho feminino, os espaços costumavam ser divididos entre mulheres brancas e não-brancas (SANTOS; AZEVENDO, 2020)

Durante o período de 1970 a 2000, a onda de feminismo começou e veio para ficar, pois com a expansão da economia, a urbanização crescente e a industrialização que acontecia de forma acelerada ajudaram a entrada de muitos trabalhadores, inclusive mulheres, nas empresas e fábricas. Nesse período o movimento feminista começou a tomar proporções mundiais e os papéis sociais da mulher passaram a ser contestados e forçados a ressignificação. Inclusive, 1975 a ONU decretou como "*Ano Internacional da Mulher*". Aos poucos, a forma de ver a mulher como sexo frágil

passou a incomodar. No campo de trabalho, as mulheres tiveram que começar a atuar nos batalhões da base ou linhas de produção, depois foram subindo lentamente na linha hierárquica.

As três ondas do feminismo

Nos Estados Unidos e na Europa, a partir do século XIX começaram as primeiras reivindicações das mulheres. No renascimento começaram a discutir sobre a educação e uma relação mais simétrica dentro do casamento, no iluminismo começou o discurso de igualdade, que ia de encontro ao pensamento de superioridade imposto pela nobreza, e a partir da revolução francesa as mulheres passaram por um olhar de igualdade, fraternidade e liberdade e começaram a refletir sobre seus papéis sociais, por isso participaram ativamente da revolução (SIQUEIRA; BUSSINGUER, 2020).

O problema foi que no final da revolução francesa os direitos foram conquistados apenas pelos homens, mesmo com as mulheres estando lado a lado com eles, elas não foram consideradas sujeitos de direitos, como consta no documento dos direitos do homem e do cidadão e as revoluções de feminino começaram a se fazer completamente necessárias (SIQUEIRA; BUSSINGUER, 2020).

Primeira onda

No século XX se iniciou a organização do movimento feminista conhecido como “Suffragettes”, o qual era feito por mulheres brancas que tinham como foco adquirir direitos iguais aos homens, tais como: aprender a ler e escrever, uma vez que entenderam que a sua suposta inferioridade acontecia por conta da educação diferenciada que recebiam. Questionavam também as relações assimétricas dentro do casamento, assim como seus abusos. Então, o foco do movimento tinha 3 reivindicações: educação, casamento e direitos iguais, afinal as mulheres desejavam ser iguais aos homens perante a lei. (SIQUEIRA BUSSINGUER, 2020).

O movimento começou de forma amena, com as mulheres se organizando e montando estratégias em busca dos seus direitos, mas isso não gerou grandes resultados e o movimento ganhou uma característica mais intensa quando elas começaram a quebrar propriedades e fazer greve de fome. Embora não tenha sido da

forma ideal, o movimento ganhou muita visibilidade e as pessoas começaram a refletir sobre o assunto e muitas mulheres passaram a ter um pensamento crítico sobre seus direitos (PINTO, 2010).

Segunda onda

A segunda do feminismo aconteceu entre 1960 a 1980, período em que as mulheres tiveram grandes conquistas em diversos países, mas apenas em teoria, não na prática. Por isso, o foco desse movimento foi compreender o porquê desta submissão feminina. Essa fase foi marcada por três grandes nomes e obras segundo (CAMPOI, 2011).

A filósofa francesa, Simone de Beauvoir, é autora de uma das mais importantes obras do movimento feminista da segunda onda, o livro “*O Segundo Sexo*”. Nele a escritora fala sobre como o mundo se constitui por meio de uma perspectiva masculina e reflete sobre o que é ser mulher (DUARTE, 2006).

Já Betty Friedan, autora do Best Seller “*A Mística Feminina*”, fala em sua obra sobre a rotulação americana estipulada na imagem da mulher como apenas dona de casa, a qual tem acesso só a esfera particular, mesmo com direitos garantidos, principalmente após a segunda guerra (DUARTE, 2006).

Outra importante ativista do movimento feminista durante a segunda onda foi a americana Carol Hanish, isso porque entre as décadas de 60 e 70, nos Estados Unidos, aconteceram vários movimentos, sejam hippies, contra a guerra do Vietnã e pacifista, e a ativista falou a seguinte frase: "O pessoal é político". Isso trouxe grandes reflexões, pois as mulheres passaram a se reunirem e ficaram cada vez mais expostas para relatar sobre fatos que aconteciam em suas vidas, tal como as opressões vivenciadas dentro de suas próprias casas. Isso trouxe à tona a compreensão de que a opressão não poderia ser vista apenas como um problema privado, e sim como um problema de interesse público (SARDENBERG. 2018).

A partir desses eventos históricos, surge a expansão do feminismo pelo mundo em movimentos sociais que trouxeram uma nova concepção de mulher reflexiva, a que busca seus direitos e valores. Devido a essa nova reestruturação, o ano 1970 tornou-se relevantes para o movimento feminista internacional. Já 1975, como já dito, foi marcado pela Primeira Conferência Mundial sobre as Mulheres, que aconteceu na Cidade do México e foi estruturada pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Nesta conferência foi declarado o Ano Internacional das Mulheres, fortalecendo as lutas das mulheres feministas (SARDENBERG, 2018).

Em seguida dois eventos importantes aconteceram. O primeiro foi o Movimento Feminino pela Anistia (MFPA), dirigido pela ex-prisioneira política Therezinha Zerbini, que levantou um manifesto nacional com o objetivo de conscientizar as organizações civis e entidades de classe sobre a concessão da anistia aos presos exilados e políticos (VARGAS, 2005). Já o segundo movimento foi feito por grupos privados e informais de feministas apoiadas pela Organização das Nações Unidas (ONU), o que trouxe o fortalecimento de novas ideias e concepções e deu início a novos movimentos associados às lutas sindicais, defendendo melhores condições de trabalho, salário digno e justo, medidas de saúde e segurança necessárias, associações profissionais, partidos políticos, obtendo autonomia em relação aos seus direitos, debatendo e confrontando os abusos e discriminações sofridas pela questão de gênero, enfrentando a política vigente.

Em 1980 no Brasil, período de redemocratização, nasceram novos grupos feministas, como a formação do grupo das acadêmicas e começou a acontecer o controle de fecundidade por meio de anticoncepção, sendo que as mulheres passaram a defender que deveriam ter autonomia para escolher seus destinos no que diz respeito à reprodução e controle do seu próprio corpo. Já em 1985, por conta das agressões e violências praticadas contra as mulheres, foram criadas as primeiras delegacias femininas, com o objetivo de proteger esse grupo de mulheres em condições de vulnerabilidade, as quais poderiam ser vítimas de diversas formas de violências e agressividades dos companheiros. Em 1988 o planejamento familiar começa a ser um direito consagrado na Constituição pelo 7º Art. 226 CF/88 (CORRÊA; ÁVILA, 2003).

Neste período, as mulheres feministas levantavam a bandeira na defesa do direito sobre o seu próprio corpo e deram força a frase "*nosso corpo nos pertence*". Elas reivindicaram ao Estado ações que resolvessem as seguintes necessidades: legalização do aborto, acesso aos métodos contraceptivos e de infertilidades, garantia de assistência ao pré-natal e parto humanizado, assim como a ampliação da relação entre médico e paciente por meio de todas as informações pertinentes à saúde da mulher (CORRÊA; ÁVILA, 2003). Assim, o movimento feminista da segunda onda conquistou os direitos sobre o corpo da mulher e fortaleceu valores por meio de lutas constantes sobre o tema.

Terceira onda

A última onda do feminismo aconteceu na época de 1990 e trouxe temas de diversidades femininas com demandas específicas, tal como o movimento negro, movimentos homossexuais, transexuais e outros (MIRANDA, 2015).

A ampliação do status sobre o feminismo brasileiro foi intensificado a partir dos avanços na política, o que desafiou tabus e paradigmas da época, pois a mulher estava ocupando cargos que antes eram ocupados única e exclusivamente por homens, mas foi assim que a mulher entrou na política, conquistou espaços, diretorias, gerências, coordenadorias e demais cargos (MIRANDA, 2015).

Outro grande destaque da época foi o direito das mulheres sobre o próprio corpo, a sua sexualidade, o direito de decidir sobre a concepção e abortos previstos em lei. E foi por meio de um longo percurso de lutas, inferiorização, em uma sociedade completamente machista e patriarcal que ao longo do tempo o movimento feminista conquistou força e ganhou espaço (MIRANDA, 2015).

4. IMPOSIÇÕES AO FEMININO NA SOCIEDADE: O FENÔMENO ANITTA

4.1 As imposições

No momento em que Zeus, na criação do Olimpo, dividiu a imagem da Grande Deusa em seis facetas, as seis deusas, uma mensagem foi passada sobre o feminino neste momento, de que é necessário escolher qual destas deusas se desenvolveria abrindo mão do desenvolvimento de outra.

As Deusas são fontes da divisão das derradeiras daqueles padrões emocionais de nossos pensamentos, sentimentos, instintos e comportamentos que poderíamos chamar de 'femininos' na conotação mais ampla da palavra.

Esses seis padrões arquetípicos da mulher são vistas como potenciais a serem desenvolvidos e explorados ao longo da vida em que ela pode definir quando e como apresentar cada um deles. A divisão das deusas aparece como escolhas definidoras de vida e até de personalidade, assim como na mitologia grega em que os "poderes" de cada deusa as definem e as limitam.

Esse mito se reflete na sociedade quando as mulheres têm que arcar com as consequências de fazerem uma opção, como por exemplo, ser mãe (pela manifestação da deusa Demeter) e, portanto, não poder apresentar seu lado mais selvagem/independência (deusa Artemis), ou escolher ser executiva (deusa Atena) e não poder apresentar um lado sensual (Afrodite).

Neste trabalho, a cantora Anitta foi escolhida como um exemplo de mulher que, publicamente, explora muito bem duas grandes facetas, Atena e Afrodite, na sua carreira como empresária/cantora e nas suas danças e temáticas musicais, respectivamente. São justamente as facetas mais 'contraditórias' que aparecem simbolizadas por uma das maiores guerras relatadas na mitologia: a Guerra de Tróia, que se iniciou com Atena, Afrodite e Hera disputando pela posição de "mulher mais bela". Na sociedade contemporânea, a convivência pacífica entre estas deusas também gera um estranhamento fazendo com que, muitas vezes, uma delas precise ser 'escondida' para que a outra possa 'aparecer'.

4.2 A carreira de Anitta

Larissa de Macedo Machado talvez seja um nome que muitas pessoas nunca ouviram falar, mas e Anitta? Pois bem, Larissa é a própria, nascida em 30 de março de 1993 em Honório Gurgel, no Rio de Janeiro, filha mais nova da artesã paraibana Miriam Macedo e do vendedor mineiro Mauro Machado, e irmã de Renan Machado,

que se tornou seu produtor artístico, inclusive! A carreira da cantora, começou com a pequena Larissa, afinal, ela é um dos maiores símbolos femininos do mundo hoje e sua vida é regada de desafios e vitórias (Dias, 2019).

Larissa começou a cantar com 7 anos no coral de uma igreja católica Santa Luzia, no Rio de Janeiro, no bairro Honório Gurgel. Isso aconteceu por intervenção de seus avós maternos.

Desde essa época, Larissa já sonhava em ser artista, rica e famosa, mas sua mãe mantinha seu foco nos estudos, sua nota tinha que ser a maior da turma. Porém, aos 11 anos de idade, o pai de Larissa, que ajudava nas despesas da casa, abriu falência de sua empresa e não conseguiu mais ajudar com os custos dos estudos particulares da menina. Por conta disso, ela foi para a Escola Municipal Itália. Na época ela recebia uma mesada e decidiu fazer um curso de inglês e um professor de sua mãe a presenteou com aulas de dança de salão, mal sabia ela e eles que tudo isso teria uma repercussão gigantesca em sua vida.

Aos 16 anos, Larissa concluiu o Ensino Médio Técnico em administração no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ/FAETEC) e um ano depois, começou a fazer estágio de administração na mineradora Vale do Rio Doce.

Como o dinheiro não era o suficiente, Larissa arrumou um serviço temporário de uma loja de vestuário para conseguir comprar roupas para usar no trabalho. Ainda assim, o sonho de ser rica e famosa ainda existia em Larissa, por isso, para seguir a carreira de cantora, ela decidiu sair do emprego na Vale (Dias, 2019).

Larissa começou a usar o nome "Anitta" como cantora. O nome foi inspirado na personagem de uma minissérie de nome "Presença de Anita", onde Larissa achava incrível a personagem, pois ela conseguia "ser sexy sem ser vulgar, menina e mulher ao mesmo tempo", o que diz muito do símbolo que vemos hoje na cantora.

Em 2009, Larissa já usava o codinome Anitta e começou a publicar vídeos de suas músicas e danças em seu canal no YouTube. Ao ganhar certa notoriedade, em 2010 Anitta foi chamada pelo até então produtor da gravadora independente Furacão 2000, Renato Azevedo, para fazer alguns testes. Anitta foi aprovada e teve seu primeiro contrato com a Furacão 2000, maior produtora da época no segmento do funk. Foi quando Anitta se lançou como Mc Anitta.

As apresentações começaram e foram ganhando cada vez mais repercussão, por isso, em junho de 2012, a empresária Kamilla Fialho, ao assistir uma apresentação de Anitta no palco, resolveu tornar-se sua empresária e assumiu uma multa de

duzentos e sessenta mil reais que a gravadora exigia para liberar a cantora. Sem gravadora, Kamilla pagou mais quarenta mil reais para gravar o clipe de Meiga e Abusada, um dos grandes singles do início da carreira da cantora, que virou grande sucesso em 2013 no Rio de Janeiro, pois entrou no top dez das músicas pedidas das rádios brasileiras. Mas o sucesso lhe rendeu um contrato com a gravadora Warner Music.

2013 foi um ano de muitas conquistas e trabalho duro para Anitta, tanto que em maio deste ano, o videoclipe da música "Show das Poderosas" teve grande repercussão e se tornou o vídeo mais visto no YouTube Brasil, ultrapassando 10 milhões de visualizações durante o próprio mês, o que contribuiu para que a música ficasse por semanas no topo das mais vendidas na loja digital iTunes Brasil, além de ter se tornando a terceira canção mais reproduzida nas rádios do País neste mesmo ano. Inclusive, em 6 de junho, a cantora lançou seu primeiro álbum de estúdio chamado "Anitta".

Em novembro de 2013, os ingressos para o primeiro DVD de Anitta já estavam sendo vendidos e com 10 mil pessoas, o show aconteceu em fevereiro de 2014, que deu origem ao DVD "Meu Lugar", lançado em julho de 2014. Neste mesmo período, Anitta lançou seu segundo álbum de estúdio, "Ritmo Perfeito", de onde saíram as músicas "Na Batida", "Ritmo Perfeito", "Cobertor" que era um feat. com o rapper Projota, "Blá Blá Blá" e "No Meu Talento", que também ganhou remix.

Já em 2014, Anitta fundou a empresa Rodamoinho e tudo mudou, pois a cantora e agora empresária começou a gerenciar a sua própria carreira. Seu sucesso e eficiência foram tantos que ela passou a ser elogiada e reconhecida na área de *marketing* e gestão de negócios. Ainda em 2014, Anitta foi indicada pela primeira vez o EMA como melhor artista latino-americano e também foi indicada ao Grammy Latino pela primeira vez com a música "Zen", categoria "melhor música brasileira". Neste mesmo ano, Anitta deu seu primeiro passo rumo à carreira internacional, quando gravou um remix da música "Zen" em parceria com o cantor espanhol Rasel. E foi em 2014 que Anitta anunciou que sua carreira internacional estava sendo planejada.

Em 2015, o auge da carreira da cantora até então, ela lançou seu terceiro álbum de estúdio, o "Bang", o qual tinha a música "Deixa ele sofrer" e foi a primeira faixa de um artista brasileiro a chegar no top 50 do Spotify Brasil. A capa do álbum foi assinada pelo renomado designer Giovanni Bianco, profissional que já assinou 4 capas de álbum da cantora Madonna.

Em 2016, além de ganhar nas categorias “melhor artista brasileiro” e “melhor artista latino” no EMA, Anitta estreou como apresentadora de TV na terceira temporada do programa Música Boa Ao Vivo, do Multishow. Neste ano ela também participou do remix da música “Ginza” do cantor J Balvin, o que começou a dar início a sua carreira internacional. Em agosto deste ano, Anitta lançou uma música chamada “Sim ou Não” com o cantor Maluma. Com tudo acontecendo muito rápido, em 5 de agosto de 2016, a cantora participou da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Verão, onde cantou “Sandália de Prata” ao lado de Caetano Veloso e Gilberto Gil, e já no mês seguinte, ela assinou um contrato com a agência de talentos William Morris Endeavor. Já em outubro, Anitta participou do show do famoso tenor italiano Andrea Bocelli.

Em 2017 a cantora se apresentou com Iggy no Jimmy Fallon, um dos programas de auditório mais icônicos dos EUA, e foi a primeira brasileira a se apresentar lá. Neste ano, a cantora também lançou o hit “Paradinha”, primeira música solo de Anitta em espanhol e um dos maiores sucessos com mais de 300 milhões de views no YouTube. Em julho, Anitta lançou com Pablllo Vittar e Major Lazer a música “Sua cara”, um sucesso do pop brasileiro.

Em setembro, a cantora anunciou que iniciaria um projeto intitulado CheckMate, no qual lançaria uma música nova por mês até o final de 2017. Este projeto foi inteiro patrocinado pela empresa de departamentos C&A, que além de vestir a cantora, também investiu na gravação dos videoclipes e divulgação das faixas, além de levar ela para lançar cada um dos singles nas cinco regiões do país. A primeira faixa liberada deste projeto foi “Will I See You”, a qual foi produzida e escrita pelo produtor estadunidense Poo Bear e trazia para a cantora um estilo musical que as pessoas ainda não estavam acostumadas a escutá-la cantando, pois tinha uma mistura de bossa nova com pop tradicional. A música foi lançada diretamente para as rádios de Adult Contemporary. Ainda em 2016, em 13 de outubro, por meio de uma parceria com o DJ sueco Alesso, a cantora lançou sua primeira música eletrônica, intitulada “Is That for Me”, e esse foi o segundo single do projeto.

Em 19 novembro o terceiro single foi lançado, conhecido como “Downtown”, era uma parceria com o cantor J Balvin novamente, com um foco maior de reggaeton. O sucesso era tanto que o single foi divulgado em um outdoor na Times Square, em Nova Iorque, simplesmente a avenida mais frequentada do mundo. Já em 18 de dezembro, a cantora finaliza o projeto com o quarto e último single, o “Vai Malandra”,

que voltava às origens do estilo de música da cantora e focava no funk carioca, inclusive, contou com a participação de Mc Zaac, Tropkillaz e Maejor, rapper estadunidense. O videoclipe dessa música foi gravado por Terry Richardson e foi um sucesso, ultrapassando a marca de 500 mil visualizações no Youtube em apenas 20 minutos. Antes de completar suas primeiras 24 horas de lançamento mundial, a música de Anitta entrou na Top 50 Global do Spotify, lista das músicas mais tocadas no mundo, classificada na 18ª posição, seguida por "Downtown" na 23ª posição, o que fez da Anitta a primeira brasileira a emplacar duas músicas dentro do Top 50. A música ficou por um mês no topo do iTunes brasileiro, à frente apenas da faixa anterior da cantora. Todo o desenvolvimento do Checkmate é explicado na série "Vai Anitta", do Netflix.

Em 2018, Anitta foi convidada para ser a mentora especial da sétima temporada de The Voice Brasil, entretenimento musical da TV Globo. Isso aconteceu em 17 de setembro e no mesmo mês, Anitta estreou como jurada da também sétima temporada do programa La Voz, do México, onde dividiu palco com Maluma, Carlos Rivera e Natalia Jiménez. O programa estreou em 30 de setembro e chegou ao fim em 16 de dezembro.

Em 3 de outubro, Anitta oferecia mais um projeto para o mundo e foi lançado o desenho animado de fantasia e infantil Clube da Anitinha, no canal Gloob. O desenho era baseado nos familiares e amigos da cantora. Já em 16 de novembro, a Netflix lançou a série documental Vai Anitta.

Em 5 de abril de 2019 foi lançado o primeiro álbum áudio visual e trilingue da cantora, chamado Kisses e ainda fez um feat com Madonna em "Faz gostoso". De setembro a dezembro de 2019, Anitta focou em seu projeto Brasileirinha, onde lançou músicas com Vitão, Marília Mendonça, Lexa, Rebecca, Luisa Sonza e assim por diante. Foi neste mesmo ano que Anitta assinou com a Skol Beats e se tornou head de criatividade e inovação da empresa. A brasileira se tornou um dos maiores nomes latinos no mercado da música atual. Tanto que a cantora se apresentou no palco Mundo da oitava edição do Rock in Rio em 05 de outubro de 2019. Todo o processo de preparação para o festival é explicado na série do Netflix "Anitta: Made in Honório".

Em 2020 tudo foi freado por conta da pandemia, mas em junho deste ano, Anitta participou da música "Desce pro play" de Mc Zaac, que também contou com participação de Tyga e se tornou um grande hit do ano. Também em junho de 2020, Anitta começou a trabalhar como integrante do conselho de administração do Nubank

e assinou com a Warner Music International, se tornando uma artista do catálogo global da gravadora. Em julho Anitta lançou uma música em italiano com Fred De Palma, o hit chamado “Paloma” figurou no top 50 do Spotify da Itália e chegou ao top 10.

Em setembro de 2020, Anitta entrou em uma nova Era da sua carreira internacional e lançou o primeiro single do álbum “Girl From Rio”, o “Me Gusta”, ao lado de Cardy B e Mike Towers e também fez sua segunda aparição do programa Jimmy Fallon com a música.

Em junho de 2021, também lançou singles que a levaram para o VMA, a primeira brasileira a participar. Inclusive, Anitta também participou pela primeira vez do Met Gala. Agora, em novembro de 2021 que aconteceu a música que mudou tudo para Anitta, “Envolver”, o seu maior sucesso da atualidade, a música viralizou e ganhou notoriedade em diversas plataformas digitais.

Já em 2022 Anitta lançou o clipe da música “Boys don’t cry”, completamente diferente de tudo que a cantora já lançou, com uma pegada pop-funk, o que rendeu mais uma performance no Jimmy Fallow e ainda foi entrevistada pelo próprio no programa. Além disso, Anitta conquistou em março a marca de música mais ouvida do mundo no Spotify com o hit “Envolver”, lançado em 2021. A música ficou em primeiro lugar no top 50 por três dias consecutivos e permaneceu lá no top 15 até então. Anitta foi a primeira mulher brasileira e latina a chegar no primeiro lugar e com uma música solo. Inclusive, “Envolver” entrou no hot 100 da Billboard na posição 70.

Já em março de 2022, Anitta subiu ao palco do Lollapalooza para cantar “Boys don’t cry” com Miley Cyrus. Depois disso, Anitta anunciou em março seu novo álbum que não seria mais “Girl From Rio” e sim “Versions of me”, lançado em abril, que mostra todas as versões de Anitta e encoraja as pessoas a serem quem elas quiserem, assim como Anitta, que tanto canta, quanto dirige um banco. Ainda em 2022, Anitta foi a primeira artista brasileira a participar do evento Coachella Valley Music and Arts Festival, o maior festival de música do mundo, onde levou toda a atmosfera da favela, do baile funk para o palco com um cenário produzido pelo mesmo artista responsável por cenários pelo parque temático Animal Kingdom, da Disney.

Larissa, que hoje é Anitta, é um marco na história brasileira dentro e fora da música. A artista sempre surpreende e se supera, além de incentivar e abrir caminhos para todas as pessoas.

Considerações Finais

O presente trabalho tinha o intuito de expor as imposições sociais feitas sob a mulher ao longo da história, chegando nos dias atuais e como estas podem ser exemplificadas pela mitologia grega com intersecções da psicologia analítica. A cantora Anitta foi escolhida para exemplificar os impactos sofridos por uma mulher que, publicamente, não aceita tais imposições.

Através da metodologia escolhida, revisão bibliográfica, foi possível realizar uma análise histórica dos papéis sociais ocupados pelas mulheres, chegando à conclusão de que a própria escolha de qual faceta irá seguir já é uma conquista feminina, uma vez que outrora este era imposto a ela. Entretanto, ainda hoje vemos uma imposição pela escolha de qual faceta será desenvolvida, tal fato foi exemplificado pela mitologia grega e a relação do mito com os arquétipos.

Trazendo a Anitta como exemplo ficou claro como uma mulher que, percebendo que é necessário realizar tal escolha, decide ir contra o que o social a impõe e sofre duras críticas, além de lidar com uma tentativa constante de apagamento, ou não aceitação, de uma destas.

Na história ocidental, a aceitação da mulher como uma figura de intelectualidade é algo recente, como visto nos capítulos anteriores, já que a ela foi negado o acesso ao conhecimento, a oportu-

idade de aprender a ler e escrever e frequentar universidades por exemplo, pois cabia a ela apenas o cuidado da casa e dos filhos, numa posição subalterna ao homem.

Aliado a isso, a própria “oportunidade” de escolher qual das facetas seria desenvolvida já é uma conquista feminina, uma vez que, durante séculos, o papel que mulher ocuparia na sociedade era imposto a ela.

Anitta ganhou visibilidade pelo grande público como cantora de funk e até hoje é conhecida por sua sensualidade. Apesar de ter saído do gênero musical Funk, conhecido essencialmente por falar sobre temas sexuais, e ido para o Pop, a cantora ainda carrega em suas letras e sua dança essa temática.

“O ritmo que represento, o funk, sempre foi visto como muito sensual. Portanto, as funkeiras foram desaprovadas por muito tempo. Ainda hoje sofro preconceito por dançar, me mexer, ser dona de mim”, afirma Anitta em entrevista a revista mexicana Soy Latino em outubro de 2010.

Outro tópico muito comentado sobre a artista é a sua própria sexualidade, por ser bissexual e ter uma vida amorosa pública.

Por outro lado, a sua vertente empreendedora e intelectual não ganha o mesmo espaço na mídia, apesar de suas grandes conquistas nesta área, que são muitas vezes menosprezadas.

Como pode ser percebido no momento em que ao ser chamada para dar aulas de empreendedorismo pela faculdade Estácio de Sá, a instituição é alvo de duras críticas.

Olhando para este cenário, em que já é necessário escolher entre as potencialidades, Anitta escolhe unir duas que, histórica e mitologicamente, não são bem aceitas.

A vida pública faz com que ela conviva com um número maior de críticas do tipo “se é tão inteligente, por que precisa ser tão vulgar?”. Ela mesma cita em uma entrevista: “É difícil ser mulher em qualquer aspecto num mundo sexista e misógino. Os homens e a sociedade machista não estão preparados para ver uma mulher ter poder, dinheiro e sucesso. Portanto, somos sempre empurradas para um lugar de fraqueza, limitações, estupidez, incapacidade, fragilidade. E não é onde queremos estar. Não é onde estaremos”.

O fato de seu comportamento causar tanto impacto em um grande número de vidas mostra como é um símbolo cultural. A dificuldade de aceitar a união das facetas de Anitta é uma projeção da nossa incapacidade de entender que temos o direito de realizar o mesmo, devido as imposições sociais feitas. Não por acaso grande parte do cancelamento de Anitta é feito por outras mulheres.

Como consequência desta “negação” da convivência pacífica entre suas duas facetas, existe uma espécie de ‘filtro’ do público de tudo que é postado por ela nas suas redes sociais, como que uma ‘seleção natural’ entre qual “Anitta” será ‘consumida’ e que, naturalmente, será mais compartilhado.

Facilmente notamos esta desvalorização do lado bem sucedido de Anitta como artista quando, ao chegar ao primeiro lugar de música mais ouvida no top 50 global do Spotify, (o que significa a música mais ouvida do mundo no aplicativo e a primeira brasileira a alcançar essa posição e primeira cantora latina que alcança com música solo) as primeiras matérias a aparecerem na busca do Google são questionando a ‘veracidade’ da conquista.

Para concluir, assim como a própria artista já percebeu a imposição sofrida e como o fato de ir contra o que se espera social, finalizo com uma citação da própria, em traz o movimento no qual as mulheres contemporâneas devem batalhar para alcançar "Ser latina representa ser uma mulher plural, forte e capaz. Durante muito tempo, a latinidade sempre se centrou só na sensualidade feminina. Estamos aqui para demonstrar que somos muito mais do que isso".

Tal ponto transcende um machismo cultural/estrutural, ele mostra que as duras críticas feitas à mulher, são ou uma tentativa de controle social, ou uma projeção da própria incapacidade de entendimento da possibilidade de realizar o mesmo que esta.

Para próximos trabalhos é interessante olhar para a união de outras facetas e se a união destas causam o mesmo impacto na sociedade.

Assim como para obtenção dos direitos da mulher foram necessários anos de luta e educação da população cabe a nós, mulheres contemporâneas, levantarmos discussão sobre o direito de além de escolher qual faceta desenvolver, termos a possibilidade de desenvolvermos cada um destes potenciais quando e da forma que quisermos, seja concomitantemente ou não, desde que seja uma opção desta.

Referências Bibliográficas

A MULHER ARTEMIS. Manhood Brasil, 27/02/2017. Disponível em: <<https://www.manhoodbrasil.com.br/a-mulher-artemis/>>. Acesso em: 21/06/2021.

ALVARENGA, Maria Zélia de. Introdução à mitologia. In: _____. (Coord.) Mitologia simbólica: estruturas da psique & regências míticas. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010

AMARAL, Maria Theresa Moura Brasil (2007). Capítulo 13 – Ártemis Sagitária. Em ALVARENGA, Maria Zélia, coordenação. Mitologia simbólica estruturas da psique & regências míticas. (p.235-249). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Amigo relata bastidores de parceria entre Anitta e Joe Rohde no Coachella. UOL, 2022 Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/04/25/amigo-relata-bastidores-de-parceria-entre-anitta-e-joe-rohde-no-coachella.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 16/06/22

ANITTA. WIKIPEDIA, 2022. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Anitta>> Acesso em: 02/06/2022.

BARBOSA, Ana Maria de Toledo Souza Miranda (2007). Capítulo 5 – Deméter – Deusa mãe da terra cultivada. Em ALVARENGA, Maria Zélia, coordenação. Mitologia simbólica estruturas da psique & regências míticas. (p.101-115). São Paulo: Casa do Psicólogo.

BOLEN, Jean Shinoda. As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres / Jean Shinoda Bolen; [Tradução Maria Lydia Remédio – São Paulo: Paulus, 1990. – (Coleção amor e psique)

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. Petrópolis, Editora Vozes, Volume 1, 15a Edição, 2000.

BRANDEN, N. A psicologia do amor romântico. RJ: Imago, 1992.

CORRÊA, S.; ÁVILA, M.B. Direitos sexuais e reprodutivos: pauta global e percursos brasileiros. In: BERQUÓ, E. (org.). Sexo e vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 17-78.

ENGELS, Frederich. A origem da família, da propriedade privada e do estado. Tradução Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2009.

CAMPELL, Joseph. O poder do mito / Joseph Campell, com Bill Moyers; org. por Betty Sue Flowers; tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo : Palas Athena, 1990.

CONTEMPORÂNEAS. 20218. 242p. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

DA SILVA, Joasey; DO CARMO, Valter; RAMOS, Giovana. AS QUATRO ONDAS DO FEMINISMO: LUTAS E CONQUISTAS. Revista de Direitos Humanos em Perspectiva, Encontro Virtual, ano 1, v. 7, p. 101 - 122, jan. 2021.

DE OLIVEIRA CRUZ, Vagner. Feminino: a construção histórica do papel social da mulher. in: XVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento Histórico e Diálogo Social, 2013. Natal - RN.

DEL PRIORE, Mary Del. As atitudes da igreja em face da mulher no Brasil colonial. In MARCILIO, Maria Luiza (org). Família, mulher e sexualidade no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1993

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.) 5. Ed. – São Paulo: Contexto, 2001.

DEL PRIORE, Mary. Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DIAS, LEO. FURACÃO ANITTA. Edição 1. Rio de Janeiro. Editora Agir, 2019.

DINIZ, Letícia. EXPRESSÕES ARQUETÍPICAS DAS DEUSAS GREGAS NOS CASAMENTOS DE ONTEM E DE HOJE, TENDO COMO FOCO AS MULHERES. Orientadora: Flávia Hime. 2008. 74 f. TCC (Graduação) – Psicologia, Faculdade das Ciências Humanas e da Saúde, PUCSP, São Paulo. 2009.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estud. av.*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, set./dez. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010. Acesso em: 01 abr. 2022.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 14, n.1, p. 287-293, jan./abr. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100015>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100015. Acesso em: 31 maio. 2021.

FONTENELE-MOURÃO, Tânia M. Mulheres no topo de carreira: Flexibilidade e persistência. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, 2006. 92p

HALL, Catherine. Sweet home. In história da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. PERROT, Michelle (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HUNT, Lynn. Revolução Francesa e vida privada. In história da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. PERROT, Michelle (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

JUNG, Carl Gustav. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Petrópolis: Vozes, 2000a, vol. IX/1.

JUNG, Carl Gustav. Psicologia do Inconsciente. Petrópolis, Editora Vozes, Volume VII/1, 15a Edição, 2004.

JUNG, C. G. O homem e seus símbolos. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1969
316p. 5.ed. 1969.

LINDENBERG, Sônia Regina Crosariol (2007). Capítulo 9 – Afrodite. Em
ALVARENGA, Maria Zélia, coordenação. Mitologia simbólica estruturas da
psique & regências míticas. (p.169-182). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Machado de Souza, F. MARCAS, MITOS E SUBJETIVIDADES: OS ARQUÉTIPOS
DAS DEUSAS GREGAS EXPRESSOS EM IMAGENS PUBLICITÁRIAS

MARCONDES, Letícia. A mulher no mercado de trabalho: uma linha do tempo que
você precisa conhecer. SAFESPACE, 2021. Disponível em:
<<https://safe.space/conteudo/a-mulher-no-mercado-de-trabalho-uma-linha-do-tempo-que-voce-precisa-conhecer?format=amp>>. Acesso em: 18/05/2022.

MARTINS, APV. Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX
[online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, 287 p. História e Saúde collection. ISBN
978-85-7541-451-4. Available from SciELO Books .

McLean, Adam. A Deusa Tríplice: Em busca do Feminino Arquetípico. Tradução de
Adail Ubirajara Sobral. Editora Cultrix, 2020

MELO DA SILVA, Aline. Os arquétipos femininos da mitologia grega e romana na
dramaturgia. Disponível em:
http://www.machadosobrinho.com.br/revista_online/publicacao/resenhas/PainelAcademico01REMS8.pdf. Acesso em: 25/11/21.

MIRANDA, Cynthia Mara. Os movimentos feministas e a construção de espaços
institucionais para a garantia dos direitos das mulheres no Brasil e no Canadá.
Interfaces Brasil/Canadá: Revista Brasileira de Estudos Canadenses, Canoas, v. 15,
n. 1, p. 347-385, 2015. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/6721>. Acesso
em: 01 abr. 2022.

Moriarty, Frederico. Os arquétipos femininos. Terceira Margem,12/07/2020.

Disponível em:

<<https://terceiramargem.org/2020/07/12/os-arquetipos-femininos/>>. Acesso em: 21/06/2021.

MORGADO, Belkis Frony. A solidão da Mulher bem casada: um estudo sobre a mulher brasileira. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1985.

Nogueira, Renato. Mulheres e deusas: Como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual. Brasil: HarperCollins Brasil, 2018.

Nova Acropóle. Deusas Gregas: os arquétipos femininos. Youtube, 9 de outubro de 2016. Disponível em : < <https://www.youtube.com/watch?v=jKyZ0WfCiL8> >. Acesso em: 16 de maio de 2021.

'Paloma': Anitta lança música com italiano Fred de Palma; ouça, 2020 Disponível em:

<<https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,paloma-anitta-lanca-musica-com-italiano-fred-de-palma-ouca,70003352423>> Acesso em: 16/06/22

PENNA, Eloisa Marques Damasco. Dissertação de Mestrado em Psicologia com o título "Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung". Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003.

PERNOUD, Régine. A mulher nos tempos das cruzadas. Campinas. SP: Papirus, 1993.

Petcov, Marisa. O arquétipo da Deusa tríplice. Somos todos um. Disponível em:

<<https://www.somostodosum.com.br/clube/artigos/oraculos/o-arquetipo-da-deusa-triplice-26889.html>>. Acesso em: 21/06/2021.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. Rev. Sociol. Polit., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003#:~:text=Palavras%2Dchave%3A%20movimento%20feminista

%3B,%3 B%20poder%3B%20mulheres%20e%20pol%C3%ADtica. Acesso em: 01 abr. 2022.

SANTOS, Kelly Cristine Martins dos; AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. Análise discursiva da posição sujeito das mulheres negras militantes reverberada pelo discurso de Sojourner Truth. *Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 11-35, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/33589>. Acesso em: 10 maio 2022.

SERBENA, Carlos Augusto. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia , v. 16, n. 1, p. 76-82, jun. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 maio 2022.

SIQUEIRA, Carolina Bastos de; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. *Revista Thesis Juris– RTJ*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 145-166, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/380/285>. Acesso em: 10 maio 2022.

SOUZA, Ana Célia Rodrigues de Souza (2007). Capítulo 17 – Coré – Perséfone – Um ritual iniciático da totalidade do feminino. Em ALVARENGA, Maria Zélia, coordenação. *Mitologia simbólica estruturas da psique & regências míticas*. (p.299-313). São Paulo: Casa do Psicólogo.

SPESSOTO, Rosana (2007). Capítulo 3 – Hera. Em ALVARENGA, Maria Zélia, coordenação. *Mitologia simbólica estruturas da psique & regências míticas*. (p.67-81). São Paulo: Casa do Psicólogo.

STEIN, Murray. *Jung o mapa da alma – Uma introdução*. São Paulo. Cultrix, 1998.

WHITMONT, Edward C., *O retorno da Deusa / de Edward C. Whitmont*; tradução de Mari Sílvia Mourão. – São Paulo: Summus, 1991.

WHITMONT, Edward C., O retorno da Deusa / de Edward C. Whitmont; tradução de Mari Sílvia Mourão. – São Paulo: Summus, 1991.

Woolger, Jennifer Barker; Woolger Roger. A Deusa Interior: UM GUIA SOBRE OS ETERNOS MITOS QUE MOLDAM NOSSAS VIDAS. Editora Cultrix, 1993